

Desenvolvimento Rural

Mini Fábrica de processamento de Gergelim: perspectivas de renda e autonomia para os jovens da comunidade rural de Choró, CE

Mini factory of Gergelim processing: income prospects and autonomy for young people in the rural community of Choró, CE

Janaina Peixoto Ferreira¹ , Jaqueline Sgarbi Santos¹ 
Antonia Thayna Sousa Costa¹ , Luzia Luziene de Castro Aguiar¹ 

¹ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, CE, Brasil

RESUMO

O êxodo de jovens do campo vem ocorrendo com muita frequência na busca por melhorias relacionadas aos aspectos financeiro, trabalho e educação. Nesse contexto, a produção empírica de dados da pesquisa realizou-se na comunidade de Riacho do Meio em Choró, no Ceará, na qual jovens rurais desenvolvem atividades numa mini fábrica de processamento de gergelim (*Sesamum indicum*) buscando gerar emprego e renda, possibilitando aos jovens permanecer na comunidade. A pesquisa teve como objetivo compreender os limites e possibilidades de uma mini fábrica de processamento de gergelim, como estratégia capaz de promover a permanência dos jovens no campo, para tanto utilizou-se como método a pesquisa qualitativa, tipo estudo de caso. Ainda que tenha havido frustrações, relacionadas a obtenção de renda satisfatória para a manutenção dos jovens, há também o aprendizado e experiência adquirida, além do patrimônio material que a mini fábrica representa. O processamento de alimentos pode se constituir em uma estratégia importante para os jovens no campo, entretanto para que projetos desta natureza consigam obter êxito, é essencial ter acesso a capital de giro, além de um amplo processo de formação nas diversas etapas da implantação do projeto buscando desenvolver potencialidades e prepará-los para a complexidade da atividade.

Palavras-chave: Agricultura familiar; Agroindústria familiar rural, Êxodo rural; Jovens no campo

ABSTRACT

The exodus of young people from the countryside has been occurring very frequently in the search for improvements related to financial, work and education aspects. In this context, the empirical production of research data was carried out in the community of Riacho do Meio in Choró, Ceará, in which rural young people develop activities in a mini sesame processing factory (*Sesamum indicum*) seeking to

generate employment and income, enabling the young people stay in the community. The research aimed to understand the limits and possibilities of a mini sesame processing factory, as a strategy capable of promoting the permanence of young people in the countryside. Although there have been frustrations, related to obtaining a satisfactory income for the maintenance of young people, there is also the learning and experience acquired, in addition to the material heritage that the mini factory represents. Food processing can be an important strategy for young people in the countryside, however, for projects of this nature to be successful, it is essential to have access to working capital, in addition to a broad training process in the various stages of project implementation. seeking to develop potential and prepare them for the complexity of the activity.

Keywords: Family farming; Mini factory, Rural exodus; Young people in the field

1 INTRODUÇÃO

O Nordeste brasileiro é uma região caracterizada pelo clima semiárido ao qual se configura por ser seco e quente em decorrência dos distintos fatores que o modelam. Entre eles, pode-se citar as massas de ar e o fenômeno El Niño, que influenciam na irregularidade pluviométrica. A proximidade da região com a linha do Equador ocasiona temperaturas elevadas, além da existência de solos pedregosos, rasos, com baixa capacidade de infiltração e elevado escoamento superficial (SUASSUNA, 2007).

Essa região ocupa uma área total de 1.561.177,8 km², sendo que 962.857,3 km² estão inseridos no polígono das secas (ARAÚJO, 2011). O principal meio de sobrevivência das famílias da região é a agricultura, que para se manter necessita de água, principalmente a agricultura familiar, a qual está intimamente ligada aos recursos naturais disponíveis.

Cabe lembrar que no contexto brasileiro, a agricultura familiar é uma categoria extremamente diversa marcada por rupturas e continuidades quando relacionada ao modo de vida, integração aos mercados e fortemente impactada por aspectos históricos, transformações ao longo do tempo e contexto onde está inserida. Embora marcada pela definição operacional adotada pelo Pronaf, a partir dos anos 90, nem de longe se resume a ela e continua suscitando debates que buscam um entendimento conceitual (WANDERLEY, 2003). Em que pese a complexidade do conceito e suas especificidades para o Nordeste brasileiro, para

o presente estudo assume-se a agricultura familiar como "aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo" (WANDERLEY, 1999).

A agricultura familiar é bastante prejudicada pelas secas dessa região, mas os impactos podem ser observados também a nível global, visto que a agricultura familiar, para além do Nordeste, se configura como um segmento da agricultura brasileira, fundamental para o desenvolvimento rural e para a segurança e soberania alimentar do país (SILVA *et al.*, 2017). Segundo dados da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (BITTENCOURT, 2018), estima-se que cerca de 70% da comida que chega às mesas dos brasileiros é proveniente da agricultura familiar.

Os longos períodos de estiagem enfrentados na região são fatores que influem de forma negativa na economia e no desenvolvimento local, comprometendo assim, o rendimento das lavouras que muitas vezes se tornam improdutivoas. Por isso, nessa região, é comum os próprios pais influenciarem seus filhos a não permanecerem na propriedade rural (MOREIRA *et al.*, 2018).

A temática da juventude rural é composta por duas palavras em que suas definições individuais envolvem setores que estão continuamente passando por mudanças relacionadas ao aspecto social, agrário e produtivo. Os estudos sobre as causas da migração da juventude rural no Brasil ainda vem sendo consolidados e envolve abordagens, como a referente a idades, trajetórias e gerações, sendo essas as três principais. Além disso, os projetos relacionados a formação familiar e os projetos individuais são mencionados como fatores que deixam os jovens no dilema entre permanecer no campo ou migrar (MARTINS, 2021).

Diante disso, o Nordeste tem sua história marcada pelo êxodo rural, pelo qual os jovens¹ do campo migram para outras regiões do país, em busca de emprego, formação técnica ou superior. De acordo com Silva *et al.* (2017), o acesso ao estudo, restrito em muitos municípios do semiárido, é um dos fatores significativos para a

¹Pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade (BRASIL, 2013).

migração dos jovens. Além disso esse fenômeno tem maior ocorrência em famílias classificadas como baixa renda, pois as famílias em situação econômica boa tendem a permanecerem no meio rural (MARTINS, 2021).

Cabe lembrar que a migração da juventude se torna um problema com relação a sucessão familiar, pois segundo Savian (2014) a ausência de jovens coloca em risco a existência do estabelecimento rural familiar, pois a falta de sucessão impossibilita a reprodução social desta categoria. Com isso, a agricultura exercida por essas famílias até então, torna-se, em muitos casos, pouco atraente para as gerações de jovens, inviabilizando a reprodução dos estabelecimentos, por meio de sua descendência. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2017 havia cerca de 100.357 estabelecimentos rurais ocupados por jovens de até 24 anos de idade, incluindo homens e mulheres. Isso comparado a 5 milhões de homens e mulheres que eram ocupados em atividades agropecuárias, demonstrando a pouca ocorrência de jovens nos estabelecimentos rurais.

A preocupação com o esvaziamento do campo e envelhecimento da população fortaleceu o debate sobre a importância de se criar alternativas capazes de dinamizar o meio rural e criar postos de trabalho que possam ser ocupados, por uma juventude, em certa medida, pouco apta a se estabelecer nos grandes centros urbanos. Para reduzir a migração desses jovens, diversas alternativas são experienciadas, algumas com apoio de políticas públicas que dinamizam o contexto social e econômico, promovendo assim, alternativas rentáveis para os territórios rurais. Nesse contexto, unidades de processamento de alimentos na agricultura familiar podem ser encontradas, sobretudo no sul do país, onde são conhecidas como agroindústrias familiares rurais, e entram nesse cenário como uma estratégia de mudança social.

Conforme Mior (2005), a agroindústria familiar rural é uma forma de organização em que a família rural produz, processa e/ou transforma parte de sua produção agrícola e/ou pecuária, visando, sobretudo, a produção de valor de troca

que se realiza na comercialização. Com isso, os produtores conferem um maior valor agregado aos seus produtos (SILVA; SANTOS; PONCIANO, 2018).

As agroindústrias, dependendo do contexto territorial, podem ser fundamentais para a permanência do jovem no campo e para a sucessão geracional frente às dificuldades enfrentadas na região, pois a sucessão é uma condição imprescindível para a ocorrência da reprodução social da agricultura familiar, para a manutenção da população e o desenvolvimento das áreas rurais (SAVIAN, 2014; SILVA; SANTOS; PONCIANO, 2018).

Experiências desenvolvidas nas últimas décadas, com destaque para o sul do país, parecem demonstrar que as unidades de processamento, podem oportunizar aos jovens atuar nas várias etapas do sistema de produção, desde a produção primária, passando pelo processamento até a comercialização do produto final, apropriando-se de postos de trabalho autônomos e auto gerenciados (SILVA; SANTOS; PONCIANO, 2018).

Neste contexto a investigação surgiu de uma inquietação frente as alternativas viáveis para a manutenção dos jovens no campo, num cenário onde as condições impostas pelo semiárido são onipresentes.

Diante disso, o presente trabalho teve como objetivo compreender os limites e possibilidades de uma mini fábrica² de processamento que produz óleo, paçoca e farinha de gergelim, como estratégia capaz de promover a permanência dos jovens no campo, além de compreender os desafios e potencialidades que essa unidade pode ter no contexto do semiárido nordestino.

Além da introdução exposta anteriormente, o presente artigo contém os i) aspectos metodológicos; ii) Sementes do Sertão, a construção de um percurso; iii) Agricultura familiar, juventude e construção de caminhos, iv) Entre ficar e partir: dilemas e sonhos em Riacho do Meio; e por último as considerações finais, que dão fechamento ao trabalho.

²Denominação usada no presente trabalho, tendo em vista a própria denominação utilizada pela comunidade.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O levantamento de dados ocorreu na comunidade Riacho do Meio, localizada a 15 km da sede do município de Choró, situado na microrregião Sertão Central no estado do Ceará, distante cerca de 180 km da capital, Fortaleza. Encontrando-se sob as coordenadas geográficas 40 50' 36" latitude (S) e 390 08' 28" longitude (WGr), com uma área de 815,770 km². Segundo dados Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) este município possuía em 2019 uma população de 13.521 habitantes.

O clima do local é classificado como Tropical Quente, Semiárido Brando e Tropical Quente Semiárido, com relevo de Depressão Sertaneja e Maciços Residuais, com solos Litólico, Podzólico Vermelho-Amarelo, Bruno não Cálcico e Planossolo Solódico. Já a vegetação predominante é Caatinga Arbustiva densa e Floresta Caducifólia Espinhosa.

De acordo com os dados da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (FUNCEME) a precipitação média anual de Choró é de 768,1 mm, porém, nos últimos três anos, estão abaixo do esperado, em 2018, 2019 e 2020, a média anual foi de 572.7; 582.9 e 460.4 mm respectivamente.

A pesquisa teve início numa etapa exploratória, com duas visitas de campo com a turma de Práticas Agrícolas IV³ em 08 de fevereiro de 2019 e no dia 10 de janeiro de 2020, ocasião em que foi conversado com o líder do grupo Sementes do Sertão, que relatou a experiência desenvolvida por alguns jovens da comunidade. O trabalho de campo propriamente dito teve continuidade no final do ano de 2020, com um primeiro contato com o líder do grupo Sementes do Sertão, via aplicativo de troca de mensagens⁴, pois devido a pandemia do Covid-19 (Sars-Cov-2).

Cabe ressaltar que a pandemia do novo coronavírus, trouxe mudanças no processo de investigação, sendo que ao se inserir presencialmente na comunidade,

³No projeto pedagógico do curso de Agronomia da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), as disciplinas de Práticas Agrícolas são estruturantes e levam os discentes a conhecer a realidade da agricultura familiar e camponesa, as suas distintas dimensões.

⁴O *WhatsApp* é o aplicativo de mensagens mais utilizados pela comunidade.

todos os cuidados referentes aos protocolos de saúde, foram observados. Ainda assim, em alguns momentos da investigação, utilizou-se de recursos como WhatsApp como forma de evitar aproximação física dos entrevistados, e devido ao fato de alguns deles residirem na capital Fortaleza.

Neste trabalho, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, seguindo um roteiro de perguntas pré-estabelecidas, porém com espaço para novos questionamentos a medida em que os entrevistados respondessem as indagações que ocorreu em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal, (BONI; QUARESMA, 2005). As entrevistas foram conduzidas de forma que os entrevistados falassem naturalmente do assunto em pauta, e como salienta Moré (2015) visando melhor adentrar na construção dos significados atribuídos à experiência de vida dos entrevistados, visto que cada um tinha a sua própria história para contar.

As entrevistas ocorreram por meio de visita a comunidade, no dia 16 de dezembro de 2020, onde se entrevistou 2 jovens pessoalmente e por conversas via WhatsApp nos dias 27, 28 e 29 do mesmo mês, foram entrevistados mais 3 jovens. Ao todo foram entrevistados cinco jovens com idades entre 22 e 25 anos, onde aqueles que foram entrevistados pessoalmente assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Aqueles que foram entrevistados via telefone, receberam todos os esclarecimentos acerca da pesquisa, para que pudessem optar livremente sobre sua participação no trabalho. Também ocorreu permissão para registrar esse momento em fotos, além dos áudios, os quais foram transcritos na íntegra e arquivados para estudo. E quanto a isso, considera-se ideal que o próprio pesquisador faça a transcrição da entrevista (BONI; QUARESMA, 2005), pois ele sabe o que é importante na hora da transcrição, as pausas, os risos, as expressões dadas pelos entrevistados. Ao transcrever, lembra do momento vivido, detalhes que podem ser de suma importância para a sua pesquisa, onde as vezes, não bastam palavras para expressar, mas um sorriso ou a falta dele, que muitas vezes já responde aquela pergunta.

A pesquisa em questão é qualitativa, por ser uma realidade complexa e diferenciada, não podendo ser traduzida por números, onde entende que a realidade é subjetiva e múltipla, que ela é construída de modo diferente por cada pessoa (CHUEKE; LIMA, 2012), pois cada indivíduo envolvido, possui um modo de pensar e agir que é único. Silveira e Cordoba (2009) dão ênfase ao fato de que a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. É o que a difere da pesquisa quantitativa tratada principalmente em experimentos técnicos, onde se quantifica dados. Entre as formas de pesquisa qualitativa, a investigação se caracteriza por ser um estudo de caso, na perspectiva de Santos (2011, p. 344) que aborda o livro de Robert Yin, para o qual “o estudo de caso é aplicado com o objetivo de se compreender os diferentes fenômenos sociais, em que não há uma definição substancial sobre os limites entre o fenômeno e o contexto”. Tal definição identifica o estudo em Riacho do Meio, contudo, conforme referência o autor, o estudo de caso não se define necessariamente como abordagem unicamente qualitativa, embora esta seja a situação da presente investigação.

A chegada até a comunidade foi realizada de carro e moto, e ao chegar seguiu-se para a casa do líder do grupo, o jovem de 25 anos, onde após recepção por sua família, ocorreu a primeira entrevista, em seguida, acompanhada pelo mesmo, houve o deslocamento à mini fábrica onde já estava a segunda entrevistada do dia, uma jovem de 24 anos. Na ocasião observou-se os produtos elaborados, que foram também adquiridos.

Neste dia, estava previsto entrevistar os três jovens que ainda residiam na comunidade, porém só foi possível conversar com dois, pois uma das pessoas que havia combinado o encontro, não se encontrava na comunidade pois teve que viajar a cidade de Choró, vindo esta a ceder entrevista via aplicativo de mensagem, mesmo recurso utilizado com os dois jovens que moram em Fortaleza.

Cabe salientar que os jovens que participaram da pesquisa, foram identificados por terem passado mais tempo no projeto, ou ainda estar participando. Usou-se de nomes fictícios para manter o anonimato para com os participantes.

Os entrevistados se mostraram acessíveis e dispostos a responderem as questões propostas, pois esta pesquisa dá ênfase a importância do trabalho na mini fábrica para a comunidade, valorizando a atividade agroecológica praticada ali.

3 SEMENTES DO SERTÃO, PRIMEIROS PASSOS

O projeto Sementes do Sertão surgiu mediante planejamento da comunidade no final do ano de 2013, sendo que no ano de 2014 iniciou-se o projeto. O nome Sementes do Sertão surgiu da inspiração de que os jovens eram as sementes, num cenário onde a maioria dos jovens estava deixando a comunidade após concluírem o ensino médio, por não haver emprego ou fonte de renda na comunidade.

No início da execução deste projeto, teve apoio da equipe técnica do Centro e Pesquisa e Assessoria – (ESPLAR), além da participação de um docente da Universidade Federal do Ceará (UFC). O projeto mobilizou 15 jovens, e posteriormente houve a desistência de 2, ficando com 13 jovens. Para a realização da produção inicial, a associação local cedeu um espaço para o desenvolvimento dos trabalhos, pois como se trata da produção de alimentos, necessitava de uma estrutura adequada que permitisse que as normas de higiene fossem observadas.

O projeto teve início por meio de doações que garantiram os utensílios iniciais, além da doação de 84 kg de gergelim produzido pelas famílias da própria comunidade. Na sequência houve formações com os técnicos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), e assessoria para concorrer ao Edital de Seleção Pública nº 2015/008 - Juventude Rural, executado pela Fundação Banco do Brasil (FBB), por meio do qual foi possível construir mini fábrica.

Com esse recurso, juntamente com a verba do Instituto C&A⁵, foi construído a estrutura física adequada para a instalação da mini fábrica e aquisição dos equipamentos. A partir de então, foi possível adequá-la aos padrões estabelecidos pelo órgão oficial de fiscalização de alimentos, como a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA).

A agricultura familiar há muito enfrenta desafios relacionados a sua reprodução como categoria social essencial para o desenvolvimento do país. Contudo, nas últimas décadas os governos populares estabelecidos entre 2003 e 2015 aprofundaram e incrementaram uma série de políticas públicas iniciadas nos anos 90, a exemplo do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). No que se refere a políticas públicas de apoio a agricultura de base familiar, identifica-se no atual contexto político o esvaziamento de importantes iniciativas como Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), assim muitas delas se encontram extintas ou com drástica redução de recursos.

Além de uma série de dificuldades moldadas pelo pouco apoio estatal, a Região Nordeste enfrenta um desafio a mais, que é o cultivo agrícola em períodos de estiagem. Nesse contexto, a leitura de cenário feita pela maioria dos jovens do rural local é de falta de possibilidades e alternativas de manter-se na propriedade familiar com autonomia, vislumbrando seu futuro nos centros urbanos (PANNO; MACHADO; ARMANDO, 2014).

A juventude rural encontra-se em meio à muitos desafios enfrentados no campo, resultando assim, no fenômeno do êxodo rural. Entre os fatores que contribuem com esse fenômeno, pode-se citar, a falta de renda fixa na comunidade onde residem, as dificuldades com o trabalho do campo, o pouco retorno financeiro nessas atividades, entre outros. Sendo assim, o desinteresse dos jovens em permanecer no meio é uma realidade preocupante (PANNO; MACHADO; ARMANDO, 2014).

⁵O instituto forneceu o recurso mediante concorrência com outros projetos.

Diante desse cenário muitos jovens são impelidos a migrarem para os centros urbanos em busca de outras profissões que lhes rendam mais e sejam menos desgastantes que o trabalho árduo do campo. Assim a juventude consiste na categoria social rural mais vulnerável a ocorrência de migrações (DREBES, 2014).

Em que pese a falta de oportunidades no meio rural nordestino, ao chegarem nos centros urbanos, poucos jovens conseguem colocações funcionais satisfatórias, em geral estão expostos a subempregos, em grande medida mal remunerados, levando em consideração o baixo nível de escolaridade e a baixa qualificação profissional.

Neste contexto, pode ocorrer a piora da situação econômica, visto que saem das comunidades em busca de melhores condições de vida, mas enfrentam muitos desafios. Muitos jovens levam consigo suas famílias e em meio a um complexo contexto que inclui dificuldades financeiras e a desvinculação com as atividades rurais, torna-se difícil o retorno a terra natal. Na ocorrência de subempregos, muitas famílias não tem outra alternativa a não ser instala-se em regiões periféricas das cidades, com menor acesso a serviços, ficando em condições de moradia, alimentação e acesso a direitos básicos bem piores do que se ficassem no campo.

Os investimentos insuficientes por parte dos governos na Região Nordeste, foi por muito tempo motivo da saída da população do campo para as cidades, principalmente dos filhos de agricultores aos quais poderiam dar continuidade ao trabalho dos pais. De acordo com Panno, Machado e Armando (2014), os jovens do campo estão deixando as terras dos pais para tentarem a sorte na cidade, acarretando a superpopulação destas, com o intuito de estabelecerem-se nos estudos ou em outras atividades, muitas vezes incentivados pelos pais.

Vale ressaltar que a grandes especulações sobre a ocupação de terras também fez com que muitos dos proprietários vendessem suas propriedades, e sendo esses jovens filhos de agricultores, muitas vezes a opção dentro da agricultura que resta a eles, é trabalhar nas terras e plantações de outras pessoas, recebendo apenas diárias.

Diante disso, observa-se que a própria família incentiva a saída dos filhos da sua terra natal, acreditando ser possível melhores condições nos centros urbanos. As

dificuldades relacionadas a execução da agricultura aliado à falta de oportunidades de lazer no campo e o contato do jovem rural com o “mundo urbano” faz com que este jovem busque alternativas na cidade e deixe de lado a agricultura (PREDIGER, 2009).

Redin (2014) aponta a necessidade de políticas públicas específicas que integrem os jovens rurais, como método de enfrentar a saída destes do campo. E ainda que enfrentando um ambiente hostil, marcados por limitações relativas a escassez hídrica, entre outras, a comunidade Riacho do Meio, no município de Choró, destaca-se pelas estratégias de organização social, por meio das quais um coletivo de famílias camponesas rompe as condições dadas e desenvolve atividades que venham a fortalecer a reprodução da comunidade em geral, e dos familiares, em particular. Exemplo dessas ações está a comercialização de algodão orgânico, feita por meio da empresa internacional *VERT Shoes* que se vale do conceito de produto sustentável e compra algodão, borracha e couro dos produtores que produzem com o viés agroecológico, fortalecendo assim a produção local.

Neste contexto de organização social e produção agroecológica ocorreu a implementação da mini fábrica de processamento de gergelim, levada a cabo pelos jovens da comunidade, como uma estratégia autônoma, que tem em última instância o objetivo de estruturar condições para que os jovens se mantenham na comunidade.

Historicamente, as estratégias de processamento de alimentos, prestação de serviços e elaboração de artesanato, fazem parte da lógica de reprodução da agricultura familiar e, mesmo à margem das políticas públicas, desenvolvem-se em diferentes regiões do país. Muito antes das discussões sobre a agregação de valor ao produto, fortalecidas no Brasil após os anos 1990, os agricultores familiares já praticavam essa estratégia, percebendo empiricamente que poderiam ofertar produtos agropecuários diferenciados e, assim, obter melhor remuneração do trabalho realizado (SGARBI SANTOS, 2005).

A agroindústria familiar, como é chamada no sul do Brasil é um espaço físico onde ocorre o processamento de produtos agrícolas pela própria família e/ou comunidade. Quanto a isso, Gazolla e Pelegrini (2011) relatam que nestes

empreendimentos, há grande relevância do trabalho e da gestão por parte do núcleo familiar que é que empresta sentidos, significados e as estratégias que são adotadas nesta atividade, em que o agricultor familiar processa os alimentos que produz, obtendo mais uma fonte de renda para a sua família e investindo na propriedade.

Nesse contexto a mini fábrica da comunidade Riacho do Meio se apresenta como uma oportunidade de desenvolvimento e permanência dos jovens no campo. Com isso, buscou-se criar um ambiente favorável onde o campo não é mais lugar de escassez e adversidade, procurando cunhar condições que favoreçam a sucessão familiar, ainda que, como se identificou no estudo, em um ambiente repleto de desafios.

Conforme aborda Bourdieu (2020), a importância da sucessão como estratégias de reprodução social, é garantir a transmissão de riquezas patrimonial entre as gerações da família, evitando o mínimo de perdas materiais possíveis, se mantendo dentro dos limites do direito, e permanecendo na esfera social que já esteja.

O jovem que opta por permanecer no campo, tem sonhos e objetivos a conquistar, porém é difícil alcançar o que se deseja, mesmo trabalhando arduamente. Prediger (2009) explica que o campo é visto como lugar em que faltam opções e onde a riqueza (material) dificilmente será alcançada, mas também é visto como lugar tranquilo, acolhedor e sem marginalidade. Esta percepção pode explicar o comportamento dos jovens, que se envolveram na mini fábrica em Riacho do Meio.

4 ENTRE FICAR E PARTIR: DILEMAS E SONHOS EM RIACHO DO MEIO

Ficar ou partir torna-se um dilema para os jovens rurais em geral e a mesma situação parece estar presente na comunidade Riacho Meio, para a qual um dos maiores desafios é manter o jovem no campo perante os atrativos e oportunidades dos centros urbanos, contrastando com as dificuldades locais.

As análises que seguem estão centradas na expectativa que a mini fábrica de processamento de gergelim representa no que se refere a possibilidade de renda dos

jovens, trazendo-lhes autonomia frente a renda coletiva da família e possibilitando a eles, autonomia econômica e o alcance a bens materiais almejados.

Frente a essa circunstância, nota-se a situação de Carlos, 23 anos, que se integrou ao projeto no seu início e permaneceu por 2 anos. Em 2016 solicitou seu desligamento do grupo.

Esse fato pode ser confirmado através de um trecho da fala de Carlos, que relata o motivo de sua saída do projeto e deslocamento para a capital: *“Eu pensei que ia ser muito bom, aí depois as vendas foi caindo mais, aí cada dia foi ficando mais difícil né as vendas. Aí por isso que não dava certo eu ficar lá, porque eu queria conquistar o meu objetivo, comprar uma moto”* (Carlos, 29/12/2020).

Observa-se o anseio do jovem por conquistar um bem material, que até então, trabalhando ali, não seria possível alcançar. Isso é explanado por Redin (2012), pois segundo o autor, a maioria dos jovens migra para centros urbanos, por anseios individuais. Carlos queria ter uma renda maior, para poder ter acesso a bens de consumo, e as rendas da mini fábrica não lhe proporcionavam isso. Desta forma, o jovem rural busca na sociedade urbana o status que não conseguiria como filho de agricultor (REDIN, 2014) e muitas vezes, vivendo da agricultura.

Ferrari *et al.* (2004) enfatiza o fato de que a saída dos jovens do meio rural, por não conseguirem alcançar seus objetivos profissionais, acarreta além da perda dos mesmos, de mão de obra e da energia destes para trabalhar, e a criatividade dessa população.

Rita de 22 anos, irmã de Carlos, que também permaneceu no projeto por 2 anos e atualmente também mora na cidade de Fortaleza, falou de suas expectativas quando começou a trabalhar na mini fábrica. Segundo ela, esperava ter uma boa renda financeira, e assim, poder ficar residindo perto de sua família. Porém, a renda foi insuficiente, forçando-a a buscar outra alternativa de trabalho que a fez mudar de cidade.

Relato semelhante é expresso por Maria, de 25 anos que permaneceu por 5 anos no projeto, porém ainda reside na comunidade, segundo ela, suas expectativas

eram: *“de eu ter uma renda sem sair do meu sertão, sem sair de perto dos meus familiares”*. Isso confirma o que diz Redin (2012), ao falar que contracenar com a valorização do jovem no campo é, antes de tudo, fornecer condições materiais, espaços de sociabilidade, possibilidade de continuar os estudos sem necessitar migrar para grandes centros urbanos, dar subsídios ao produto do trabalho na agricultura familiar, proporcionar formas de amenizar o isolamento cultural, político e social, bem como aumentar o leque de alternativas de desenvolvimento. Atualmente essa jovem é vendedora autônoma, e essa oportunidade surgiu por meio do auxílio emergencial cedido pelo Governo Federal mediante a pandemia de covid-19, que ela investiu em confecções para obter sua renda própria. Essa jovem mora sozinha com a mãe, que já é idosa, e não pretende morar distante dela.

Conforme os relatos dos jovens, os mesmos compartilham frustrações relacionadas às perdas ocorridas na mini fábrica, a renda insuficiente e as dívidas a pagar. As dívidas estão relacionadas a empréstimos que foram necessários para a compra de insumos, no caso, farinha, rapadura para produção de paçoca por exemplo, um dos produtos da mini fábrica, além do gergelim (*Sesamum indicum*) *in natura*. Cabe lembrar que o gergelim a ser processado é originário das famílias dos jovens e também de outros agricultores da comunidade, assim para que tenham volume suficiente para processar é necessário, em muitas circunstâncias adquirir o produto.

Foi relatado que os jovens trabalhavam e muitas vezes o retorno financeiro só chegava após quatro meses, e as vezes era insuficiente para pagar as dívidas desses jovens, visto que o lucro era dividido entre cinco pessoas, e mesmo após alguns desses jovens desistirem do projeto, o lucro continuava sendo insuficiente.

A situação de Rita confirma essa expectativa. Nas palavras dela: *“não estava dando lucro financeiramente, consegui outro trabalho e mudei de cidade”*. Desta forma a diminuição da renda faz com que grande parte da população do campo abandone a área rural, dirigindo-se aos centros urbanos (SILVA, 2007).

A sucessão na agricultura familiar talvez seja um dos maiores desafios no que se refere a dinamização e desenvolvimento de regiões rurais, pois a saída dos jovens agrava a escassez populacional, trazendo o risco de abandono ou venda de terras por falta de sucessão em um contexto que se observa o envelhecimento da população rural.

A mini fábrica Sementes do Sertão, tornou-se uma fonte de aprendizado e renda para os jovens que se agregaram a ela, porém, a renda não foi suficiente, principalmente por terem que manter as despesas do prédio e dar continuidade à produção. Pode-se observar isso nas palavras de Maria: *“Era muito difícil tirarmos algum lucro, porque era mais pra pagar o gergelim, quando terminava de pagar o gergelim, já tinha outras despesas”*.

Em contrapartida, o pouco que era dividido, dava para as despesas de Ana, que ainda mora com os pais e a avó na comunidade. Segundo ela, *“servia bastante”*. Esta é uma jovem, que no momento está estudando o curso técnico em agropecuária, e não pretende sair da comunidade, a menos que lhe surja uma boa oportunidade de trabalho na área em que irá se formar.

A renda gerada era insuficiente devido ser utilizado para arcar com os custos de manter a mini fábrica funcionando, e isso era prioridade. No caso, tinha que pagar o gergelim, que era comprado na própria comunidade e produzido dentro dos princípios da agroecologia, além de comprar outros insumos para o beneficiamento. O trabalho na mini fábrica exigia muito tempo dos jovens no manuseio da produção. E a juventude rural está constituída por sujeitos que fazem parte da classe trabalhadora (LIZARAZO, 2016), precisam trabalhar e receber por ele. Desta forma, João acredita que essas dificuldades enfrentadas foram alguns dos motivos pelo qual alguns jovens saíram, e que no caso, receberam propostas de trabalho melhores, mesmo tendo que sair da comunidade.

O relato de Maria, que saiu do projeto e ainda mora na comunidade, explica muito bem o motivo pelo qual não pretende mais voltar ao projeto:

“É muito ruim você trabalhar e não ter uma renda todos os meses. Às vezes deixava tudo pra fazer, e ia, e tipo você só tinha uma renda de 4 em 4 meses ou até mais. É um desafio e tanto. A gente tenta se virar o máximo pra não deixar pra trás quem a gente gosta. Qual jovem que não tem seus sonhos de terminar os estudos, procurar um trabalho e fazer alguma faculdade, tirar uma habilitação e comprar um transporte? E você morar no sertão, olha pro lado e pro outro e vê que as chances são mínimas de você conquistar tudo isso no sertão”.

Diante dos relatos obtidos, sabe-se que esses jovens buscam por independência financeira para poder adquirir o que almejam. Isso pode ser confirmado pelo relato de Maria, que fala que era difícil se manter com a renda obtida trabalhando na mini fábrica. Segundo ela: *“Eu me movo pro lado e pro outro, porque eu acho bom ter minhas economias, comprar com meu dinheiro, porque nada melhor que você chegar em algum canto e ter seu dinheiro, comprar o que quer sem pedir ninguém”*.

Conforme o relato da jovem Ana, que reside na comunidade: *“Na zona rural tem poucas oportunidades de trabalho né, só na cidade. Ai poucos querem ficar né. O jovem principalmente, quer ir para a cidade arrumar trabalho, ou então estudar”*. Segundo ela, que atualmente está estudando e pretende colocar em prática na comunidade os conhecimentos adquiridos, há o apego familiar e por isso não pretende sair da comunidade, a menos que apareça uma boa oportunidade de trabalho.

Segundo os relatos a frustração econômica foi a grande motriz para a saída dos jovens do projeto, contudo ainda que tenha deixado a mini fábrica, os jovens tem consciência do capital simbólico, principalmente no que se refere ao conhecimento acumulado (BOURDIEU, 2020).

Assim, ficou claro que se por um lado houve frustrações, por outro a mini fábrica trouxe para os jovens da comunidade muito aprendizado, em especial sobre a cultura de interesse da comunidade: o gergelim. Isso pode ser comprovado por meio das palavras de Ana, de 24 anos, que afirma que o conhecimento sobre o gergelim e seus derivados foi muito importante no período em que esteve no projeto. Vale salientar que ela deixou de participar dos trabalhos na mini fábrica, porém ainda se considera do projeto, deixando explícito uma situação ambígua que caracteriza o dilema de ficar e partir.

De forma semelhante, João de 25 anos, que permanece à frente do projeto, demonstra satisfação e persistência apesar dos percalços enfrentados. Orgulhoso, relata o que mudou na sua vida após a entrada no projeto Sementes do Sertão: *“depois que a gente entrou no projeto, a gente teve mais conhecimento, conheceu novas pessoas, desenvolveu novas habilidades, acho que mais a parte de conhecimento. Além de conhecer bastante gente, aprendemos bastante coisas também. E tanto assim, o pessoal já chamaram a gente pra dar formação fora, já fui dar formação pra outras pessoas também sobre o beneficiamento de gergelim”* (João, 16-12-2020).

A fala de João deixa explícita a necessidade do jovem de romper o isolamento relativo do rural e construir espaços mais dinâmicos, onde os jovens possam participar de uma dinâmica social mais ampla, que lhes permita troca de experiências, numa perspectiva de diálogos de saberes e valorização do conhecimento local. Sair do seu Sertão, sem deixar o seu Sertão, ou seja, interagir com outras realidades, outras dinâmicas.

Assim, para este jovem apesar dos prejuízos que já tiveram com relação a compra de gergelim que em alguns casos era de má qualidade, empréstimos que teve que fazer em seu próprio nome para manter a mini fábrica funcionando, ele pretende continuar trabalhando e produzindo.

João relatou ainda que, os produtos beneficiados na mini fábrica de gergelim são bem aceitos na região, sendo muito comercializados em farmácias e alguns mercantis⁶ da cidade de Choró, além de serem muito requisitados nas feiras em que frequenta em Quixadá e a de Quixeramobim. Nesse caso, a clientela já está formada, porém ainda não é o suficiente para manter o empreendimento.

Os impactos da pandemia do novo Coronavírus na vida dos brasileiros ainda estão sendo compreendidos pela população em geral e pelos agricultores em particular. Desde seu início em março de 2020, as disparidades sociais, que colocam historicamente o rural a margem, se acentuaram e o passar do tempo

⁶Nome regional para supermercados.

demonstrou que, embora transitória, o país vivencia uma de suas maiores crises, com profundas alterações nas relações sociais entre elas, as trocas mercantis vivenciadas nos espaços rurais.

Em Riacho do Meio não foi diferente e o maior dos impactos foi sentido na comercialização dos produtos, realizada em grande medida, por circuitos curtos. Assim as dificuldades impactaram tanto os produtos da mini fábrica como a produção da agricultura familiar de maneira geral, que se valiam das feiras para comercializar sua produção. Neste contexto observou-se restrições de circulação de pessoas e produtos, além da diminuição e até interrupção temporária de algumas feiras (BUANANGO *et al.*,2020). O contexto político atual também agrava a situação, visto que a agricultura familiar e camponesa não é prioridade para o Governo atual e uma série de políticas públicas encontram-se desarticuladas e sem recursos, fragilizando ainda mais a proteção social necessária ao campo (LEITE, 2020; BARBOSA; CORREIA, 2020).

Apesar das dificuldades, isso não desmotiva João, que ao ser questionado se pretende permanecer no projeto e na comunidade, a sua resposta foi rápida e firme: *"sim!"*. E quando perguntado se pretende fazer algo diferente profissionalmente, fora da comunidade, sua resposta foi bem clara: *"Não, se tiver que fazer algo diferente, vai ser, tanto em benefício pra mim, quanto pra minha comunidade. Tentar melhorar tanto as minhas condições de vida, quanto às condições de vida da minha comunidade"*.

Uma das questões que ajuda para a permanência desse jovem no campo é o fato que sua renda não está somente no trabalho na mini fábrica, pois ele trabalha juntamente com a família, com apicultura e criação de ovinos. Por outro lado, os demais participantes tinham apenas o trabalho na mini fábrica como única fonte de renda, e no caso, não era suficiente para os seus anseios. João também é filho de uma grande liderança da comunidade o que ajuda para que ele tenha os valores de coletividade bastante presentes na sua forma de agir e pensar.

João é o único jovem que permanece no projeto, e tem uma visão positiva para o futuro na mini fábrica: *“era pouco, eu acho assim, que para as pessoas, que tinham força de vontade de estar lá, era pouco, entendeu? Mas quem persiste, quem tem perseverança que as coisas vão melhorar, que vai mudar, eu acho que no futuro a gente ia melhorando cada vez mais”*. Discutir a realidade da juventude hoje, implica um olhar mais atento as suas lutas, sonhos e angústias, o seu lugar junto a família (SILVA, 2007).

A mini fábrica na comunidade, mesmo proporcionando conhecimento e um pouco de renda, não é mais atrativa aos jovens da comunidade. Isso deve-se à ânsia desses jovens por um futuro melhor, e isso engloba a realização profissional, formação acadêmica e aquisição de bens materiais, por exemplo, além de muitos ainda prezarem por poder estar residindo próximo a família.

Ao ser questionado sobre a visão profissional após o surgimento da mini fábrica, João se mostra satisfeito com os conhecimentos adquiridos e em poder repassar esses conhecimentos, além de mencionar sua vontade em adquiri-los cada vez mais. Isso pode ser observado em sua fala: *“A gente já tem um pouco de conhecimento, e pode adquirir mais ainda é o que a gente deseja, mais conhecimento e multiplicar esse conhecimento que a gente tá conhecendo, cada vez mais a gente tá podendo ampliar, pra outras pessoas que desejam conhecer sobre o beneficiamento de gergelim”*.

Ao ser indagado sobre qual a sensação de ser o único jovem que participa do projeto da mini fábrica, o mesmo responde: *“Está lá é força de vontade, esperança e coragem de não desistir. Eu tenho a visão de que é um projeto grande, dentro da nossa comunidade (...)”*. João menciona ainda sobre o destaque que esse projeto tem na comunidade e fora dela. Segundo ele, as pessoas procuram bastante saber o que é esse projeto e o que ele faz, com isso, ele sente que é necessário que a mini fábrica continue funcionando.

As falas dos jovens que denotam frustrações e esperança, demonstram a necessidade de apoio na construção de projetos que tenham como foco a

juventude rural. Contudo não basta recursos para a estruturação física, é necessário um processo contínuo de formação para as várias etapas do processo produtivo, construção de projetos que respondam as expectativas dos seus integrantes.

Ainda que tenha havido frustrações na implantação do projeto, existe um patrimônio coletivo que foi forjado na comunidade e que ficará nela, na medida que a mini fábrica trouxe aprendizado, saberes e o exercício de empreender em Riacho do Meio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação na comunidade Riacho do Meio trouxe luz a importância de projetos como o Sementes do Sertão na criação de postos de trabalho, democratização de oportunidades nos espaços rurais e inclusão produtiva de jovens, podendo ser estratégicos para evitar o êxodo rural. Contudo para que um projeto como esse consiga cumprir seu papel, é essencial um processo contínuo de formação e monitoramento das atividades desenvolvidas, visando uma gestão que dê conta da complexidade que o trabalho de processamento de alimentos impõe. Para tanto é necessário que antes da implantação dos projetos, os jovens passem por um processo de formação, visando despertar suas potencialidades e alocá-las em funções para os quais eles desenvolvam e aprimorem suas habilidades. Cabe destacar a importância de uma assistência técnica, capaz de auxiliá-los nas questões pertinentes a gestão, produção, qualidade, aspectos legais e inovação tornando-os aptos para a sua inserção nos circuitos de comercialização.

No que se refere a comercialização é indispensável a inserção em mercados caracterizados pelos circuitos curtos, onde existe a perspectiva de construção social, por meio de redes de apoio, integradas a outros empreendimentos.

Vale acrescentar, a importância das políticas públicas, capazes de incentivar os jovens agricultores a empreender, por meio da agregação de valor aos produtos primários, tendo como referência os princípios da agroecologia, que para além de um sistema de produção em sinergia com os recursos naturais, se apresenta como um modo de vida, onde as questões relativas à inclusão de jovens e mulheres, valorização de conhecimentos tradicionais e ao território são intrínsecas ao debate.

Por último vale destacar a importância de mais investigações que tenham como cenário juventude rural e semiárido, buscando desvendar outros aspectos referentes a construção de alternativas para que o rural, independentemente de onde esteja localizado, seja um espaço de qualidade de vida, dinamização econômica e possa se apresentar como um espaço atraente para a garantia da sucessão geracional.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a comunidade Riacho do Meio em Choró, em especial o seu João e o seu filho Jullerlly, e aos entrevistados que me permitiram produzir a pesquisa e seus resultados.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, S. M. S. de. A região semiárida do nordeste do Brasil: Questões ambientais e possibilidades de uso sustentável dos recursos. Rios Eletrônica – **Revista da Faculdade Sete de Setembro** - FASETE, v. 5, n. 5, p. 89-98, dez. 2011. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2011/5/a_regiao_semiarida_do_nordeste_do_brasil.pdf. Acesso em: 3 maio 2022.

BITTENCOURT, D. **Agricultura familiar, desafios e oportunidades rumo à inovação**. EMBRAPA, 2018. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/31505030/artigo---agricultura-familiar-desafios-e-oportunidades-rumo-a-inovacao>. Acesso em: 26 jan. 2022.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 20 fev. 2022.

BOURDIEU, P. Estratégias de reprodução e modos de dominação. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 17, n. 33, p. 21-36, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18764/2236-9473.v17n33p21-36>. Acesso em: 20 fev. 2022.

BRASIL. Estatuto da Juventude. Lei Nº 12.852 de 05 de agosto de 2013. Dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude. **Diário Oficial da União**: Seção 1, Brasília, DF, 5 de agost. 2013.

BUANANGO, M. A. *et. al.* Segurança alimentar e nutricional em tempos de covid-19: impactos na África, América Latina e Portugal. **Rev. Simbio-logias**, v. 12, n. 16, p.100-117, 2020. Disponível em: https://www.ibb.unesp.br/Home/ensino/departamentos/educacao/seguranca_alimentar_e_nutricional_em_tempos-de_covid-19.pdf. Acesso em: 20 fev. 2022.

CHUEKE, G. V.; LIMA, M. C. Pesquisa qualitativa: evolução e critérios. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 128, p. 63-69, jan. 2012. Disponível em: <https://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/12974>. Acesso em: 3 maio 2022.

DREBES, L. M. Projeto de juventude rural, campo de possibilidades e migração: um estudo documental do Centro de Desenvolvimento do Jovem Rural (CEDEJOR). **Revista Monografias Ambientais-Remoa**, Santa Maria, v. 3, n. 5, p. 4087-4098, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2236130815036>. Acesso em: 20 fev. 2022.

FERRARI, D. L. *et al.* Dilemas e estratégias dos jovens rurais: ficar ou partir? **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 237-271, 2004. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/251>. Acesso em: 26 jan. 2022.

FUNCEME. **Precipitação média**. Disponível em: http://www.funceme.br/?page_id=2696. Acesso em: 01 maio 2021.

GAZOLLA, M.; PELEGRINI, G. As experiências familiares de agroindustrialização: uma estratégia de produção de novidades e de valor agregado. **Ensaios FEE**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 361-388, nov. 2011. Disponível em: <https://revistas.dee.sp.gov.br/index.php/ensaios/article/view/2435>. Acesso em: 25 fev. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades e Estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/choro.html>. Acesso em: 09 ago. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Agro 2017**: resultado definitivo. Disponível em: https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/templates/censo_agro/resultadosagro/index.html. Acesso em: 21 set. 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ - IPECE. **Perfil Municipal 2009**. Fortaleza, CE. 2009. Disponível em: <https://www.ipece.ce.gov.br/perfil-municipal-2009/>. Acesso em: 18 fev. 2020.

LEITE, S. P. Ruralidades, enfoque territorial e políticas públicas diferenciadas para o desenvolvimento rural brasileiro: uma agenda perdida? **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 28, n. 1, p. 227-254, fev. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.36920/esa-v28n1-10>. Acesso em: 08 mar. 2022.

LIZARAZO, R. P.; JÚNIOR, A. T. Juventude rural e mobilidade territorial do trabalho no século XXI. **Revista Pegada**, v. 17 n. 02, p. 251-268, dez. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.33026/peg.v17i2.4726>. Acesso em: 08 mar. 2022.

MARTINS, L. R. Juventude rural no Brasil: referências para debate. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 94-112, fev./maio 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.36920/esa-v29n1-7>. Acesso em: 08 mar. 2022.

MIOR, L. C. **Agricultores familiares, agroindústrias e desenvolvimento territorial**. 2005. Disponível em: https://nmd.ufsc.br/files/2011/05/Mior_Agricultura-familiar_agroindustria_e_desenvolvimento_territorial.pdf. Acesso em: 9 ago. 2020.

MORÉ, C. L. O. O. A “entrevista em profundidade” ou “semiestruturada”, no contexto da saúde: dilemas epistemológicos e desafios de sua construção e aplicação. **Investigação Qualitativa em Ciências Sociais**, Florianópolis, v. 3, p. 126-131, 2015. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/158>. Acesso em: 3 maio 2022.

MUNIZ BARBOSA, Z.; SAMPAIO CORREA, B. Mercado institucional e políticas territoriais: a experiência dos agricultores familiares da comunidade de Matinha na zona rural de São Luís/MA. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 25, p. 2185-2202, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/redes.v25i0.15261>.

MOREIRA, V. R. *et al.* O reflexo da sucessão familiar da zona rural nas relações cooperativistas: o caso de uma cooperativa agroindustrial. **IGepec**, Toledo, v. 22, n. 1, p. 09-23, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/gepec/article/view/17647>. Acesso em: 20 jun. 2021.

PANNO, F.; MACHADO, J. A. D. Influências na decisão do jovem trabalhador rural: partir ou ficar no campo. **Desenvolvimento em Questão**, Unijuí, v. 12, n. 27, p. 264-297, jul./set. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2014.27.264-297>. Acesso em: 20 jun. 2021.

PREDIGER, S. Estado da Arte da Situação do Jovem Rural: a construção de identidades. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, v. 3, n. 1, set./nov. 2009. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35475/38194>. Acesso em: 20 jun. 2021.

REDIN, E. Jovem rural em questão. **Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 25, n.1, p. 123-139, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/2894>. Acesso em: 20 jun. 2022.

REDIN, E. O futuro incerto do jovem rural. **Informativo Técnico do Seminário**, Pombal, v. 8, n. 1, p. 37-43, jan./dez. 2014. Disponível em: <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/INTESA/article/view/2969>. Acesso em: 08 mar. 2022.

SGARBI SANTOS, J. S. **Agroindústria familiar rural no Alto Uruguai do rio Grande do Sul: uma análise do processo de comercialização**. 2005. 131 f. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/89160>. Acesso em: 21 maio 2021.

SAVIAN, M. Sucessão geracional: garantindo-se renda continuaremos a ter agricultura familiar? **Revista Espaço Acadêmico**, v. 14, n. 159, p. 97-106, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/22740>. Acesso em: 3 maio 2021.

SILVA, A. M. da; SANTOS, E. V. M.; PONCIANO, N. J. A agroindústria familiar como estratégia de reprodução socioeconômica e de emancipação feminina em linhares, Espírito Santo. **Extensão Rural**, Santa Maria, v.25, n.1, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2318179629950>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SILVA, N. L. S. da. *et al.* O jovem rural e as perspectivas da sucessão nas propriedades de agricultura familiar. *In*: ZAMBOM, M. A.; *et al* (Org.). **Ciências agrárias: ética do cuidado, legislação e tecnologia na agropecuária**. Marechal Cândido Rondon: Ed. UNIOESTE, 2017. p 36-53.

SILVA, V. T. C. S. O jovem rural como ator principal para a construção de um novo modelo rural, promovendo um espaço de qualidade de vida sustentabilidade social e ambiental. **EMATER/RS-ASCAR**, Porto Alegre, p. 1-26. 2007. Disponível em: http://osgeydel.cebem.org/docs/19bra_431_204354.pdf. Acesso em: 27 maio 2020.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. **A pesquisa científica. Métodos de pesquisa**. Editora: UFRGS. Porto Alegre, 120 p, 2009.

SUASSUNA, J. Semi-Árido: proposta de convivência com a seca. **Cadernos de Estudos Sociais**, v. 23, n. 1-2, 2011. Disponível em: <https://fundaj.emnuvens.com.br/CAD/article/view/1388>. Acesso em: 3 out. 2021.

WANDERLEY, M. de N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, J. C. (Org.). **Agricultura, realidade e perspectivas**. Passo Fundo: EDUPF, 1999, p. 23-56.

WANDERLEY, M. de N. B. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade, **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro n.21, p. 42-61, out. 2003. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/238>. Acesso em: 20 abr. 2022.

CONTRIBUIÇÕES DE AUTORIA

1- Janaina Peixoto Ferreira

Graduação em Agronomia

<https://orcid.org/0000-0001-6744-3218> - nina23pf@gmail.com

Contribuições: conceituação, escrita - primeira redação, investigação - curadoria de dados.

2- Jaqueline Sgrbi Santos

Graduação em Engenharia Agrônoma, Doutora em Sistema de Produção Agrícola Familiar, Professora

<https://orcid.org/0000-0003-3834-387X> - sgarbijaqueline@yahoo.com.br

Contribuição: escrita - revisão e edição, supervisão e curadoria de dados.

3- Antonia Thayna Sousa Costa

Graduação em Agronomia

<https://orcid.org/0000-0001-9579-0663> - thaynasousacosta@gmail.com

Contribuição: escrita - revisão e edição, curadoria de dados e visualização de dados.

4- Luzia Luziene De Castro Aguiar

Graduação em Agronomia

<https://orcid.org/0000-0001-8964-2461> - luziacastroo@yahoo.com.br

Contribuição: escrita - revisão e edição, curadoria de dados e visualização de dados.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

FERREIRA, J. P.; SANTOS, J. S.; COSTA, A. T. S.; AGUIAR, L. L. C. Mini Fábrica de Processamento de Gergelim: perspectivas de renda e autonomia para os jovens da comunidade rural de Choró, CE. **Extensão Rural**, Santa Maria, v. 28, n. 2, e10, p. 1-26, 2021. DOI 10.5902/2318179668309. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2318179668309>. Acesso em: dia mês abreviado. ano